



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 16, v. 1

set.2021-dez.2021

p. 264-275

Juventudes universitárias: masculinidades em disputa

(University youths: disputed masculinities)

(Jóvenes universitarios: masculinidades en disputa)

Gabriel Morais¹

RESUMO: O artigo visa problematizar como jovens universitários compreendem o conceito de masculinidades e de que forma ocorrem suas performatividades naquele ambiente. Como esses jovens fundamentam o que é “ser homem” e seus conflitos em relação às possibilidades de vivenciar os gêneros. Para tal, o artigo trabalha com um recorte: alunos, em sua maioria de dezoito anos, da Universidade de São Paulo, campus Butantã, mais especificamente da Escola de Comunicações e Artes. A análise é feita a partir de vários encontros extracurriculares realizados no segundo semestre de 2019 tanto dentro como fora do espaço universitário. É a partir desse panorama que é possível refletir como homens e mulheres estão em disputa em seu caminho de (re)significar “ser homem”. Enquanto homens ainda estão em um primeiro estágio de consciência sobre a ação normalizadora, as mulheres já conseguem identificar, classificar e agir em torno da norma, principalmente por serem dela as principais vítimas.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Homens. Masculinidades. Juventudes. Festas universitárias.

Abstract: This article aims to problematize how young university students understand the concept of masculinities and how their performance occurs in that environment. How these young people base what it is to be a “man” and their conflicts regarding the possibilities of experiencing the genders. For such purpose, this article works with a clipping: students, mostly eighteen years old, from the University of São Paulo, campus Butantã, more specifically from the School of Communications and Arts. The analysis is based on several extracurricular meetings held in the second semester of 2019 both inside and outside the university space. From this panorama, it is possible to reflect how men and women are in dispute on their way to (re)signify “being a man”. While men are still in the first stage of awareness about normalizing action, women are already able to identify, classify and act around the norm, especially because they are the main victims.

Keywords: Gender. Men. Masculinity. Youth. University environment.

Resumen: El artículo tiene como objetivo problematizar cómo los jóvenes universitarios entienden el concepto de masculinidades y cómo se produce su desempeño en ese entorno. Además, se busca conocer cómo estos jóvenes descubrieron lo que significa “ser hombre” y sus conflictos en relación con las posibilidades de experimentar los géneros. Con este fin, el artículo hace un recorte: estudiantes, en su mayoría de 18 años, de la Universidad de São Paulo, campus Butantã, más específicamente de la Escuela de Comunicaciones y Artes. El análisis se realiza a partir de varias reuniones extracurriculares celebradas en el segundo semestre de 2019 tanto dentro como fuera del espacio universitario. Es a partir de este panorama que es posible reflejar cómo hombres y mujeres están en disputa en su camino a (re)significar “ser un hombre”. Si bien los hombres aún se encuentran en una primera etapa de conciencia sobre la acción normalizadora, las mujeres ya pueden identificar, clasificar y actuar según la norma, principalmente porque son las principales víctimas.

Palabras clave: Género. Hombres. Masculinidades. Jóvenes. Fiestas universitarias.

1 Mestre pelo programa de pós-graduação Diversitas: Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), com pesquisas na área de gênero e sexualidade, com foco nas masculinidades. Possui graduação em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela USP, sendo bolsista de iniciação científica no período, e passagem pela Universidade de Amsterdam (Universiteit van Amsterdam). Tem experiência nas áreas de gênero, sexualidade, juventudes e comunicação. E-mail: gabrielmorais@usp.br .



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 29/05/2020

Aceito em 19/11/2021

1 Introdução

É papel das novas gerações reciclar os padrões e tensionar seus limites para trazerem novas propostas de vivências e realidades. Assim, o presente artigo nasce de algumas reflexões da pesquisa de campo, de abordagem etnográfica, realizada no Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades pertencente à FFLCH-USP. Aqui temos um recorte de parte do trabalho feito com jovens universitários durante encontros dentro do campus Butantã da Universidade de São Paulo (USP). Por todo segundo semestre de 2019, acompanhei grupos de jovens, em sua maioria com 18 anos, sempre guiado por um interlocutor. O meu objetivo era estar presente em momentos da socialização universitária: atividades extracurriculares, rodas de conversa e, principalmente, festas universitárias (a serem detalhadas no item 3 e 4) para compreender como, naquele ambiente, os homens se expressam por meio da ação, do corpo e constroem relações sociais e performatividades.

Vale destacar que meus interlocutores ora eram homens, ora eram mulheres. Dessa forma, tive um panorama mais amplo de como a construção das masculinidades desse contexto está em constante disputa (intra e entre gêneros). Aqui divido um pouco dos pontos essenciais da reflexão resultante da minha vivência com os jovens.

2 Gênero e diferença

Com a premissa de um sujeito discursivo, assumo a visão de Butler (2003) sobre como o gênero se constrói através da performance e da citação, uma ação em conjunto que é, basicamente, provocada pelo outro e cristalizada pela repetição.

O sujeito parece possuir limites sobre interior e o exterior, e as ideias sobre a performatividade do gênero reencenam tais limites. É através da reiteração citacional das normas que um sujeito se constitui em relação a tais normas: é através do reconhecimento de uma exterioridade que o sujeito interioriza (de modo identificatório) a matriz cultural heterossexual. (BUTLER, 2003, p. 59)

Ou seja, o gênero aqui se torna elemento para a reflexão sobre os processos sociais, na visão de Connell (2005):

A sociedade procura dar conta dos corpos e lida com processos reprodutivos e diferenças corporais. Não há uma base biológica fixa para o processo social de gênero. [...] [O gênero é] O conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais. (CONNELL, 2005, p. 49)

Sendo assim, gênero é a ferramenta para entender como os homens, com suas condutas, estruturam códigos, jogos e hierarquias. Também vemos o destaque de Butler (2003) para uma matriz cultural heteronormativa. Independentemente de uma definição do que seria esse ideal, singular e uno, aqui a perspectiva está em identificar que a composição das masculinidades está



condicionada a instrumentos de reprodução e perpetuação de um ideal normativo que sucumbe suas pluralidades.

Podemos destacar também a perspectiva de Miskolci (2012) ao considerar esse padrão e como lidamos com a diferença. Negando o termo diversidade, o autor deixa claro o caráter emancipatório da diferença, bem como o não silenciamento das particularidades e mais perspectivas para a disputa.

O termo diversidade é ligado à ideia de tolerância ou de convivência e o termo diferença é mais ligado a ideia do reconhecimento como transformação social, transformação das relações do poder, do lugar que o Outro ocupa nelas. Quando você lida com o diferente, você também se transforma, se coloca em questão. [...] Na perspectiva da diferença estamos todos implicados na criação deste Outro e quanto mais nos relacionamos com ele, o reconhecemos como parte de nós mesmos, não apenas o toleramos, mas dialogamos com ele sabendo que essa relação nos transformará. (MISKOLCI, 2012, p. 16)

Mais enfática no reconhecimento da diferença, Scott (1988) contrapõe o dualismo do entendimento do(s) gênero(s) propondo um caminho do reconhecimento dos diferentes.

Não é a mesmidade (*sameness*) ou identidade entre mulheres e homens que queremos afirmar, mas uma diversidade mais complicada e historicamente variável do que aquela que a oposição masculino/feminino permite, uma diversidade que é também diferentemente expressa para diferentes propósitos em diferentes contextos. Com efeito, a dualidade que esta oposição cria traça uma única linha de diferença, investe-a de explicações biológicas e, então, trata cada lado da oposição como um fenômeno unitário. Tudo em cada categoria (macho/fêmea) se presume então que seja o mesmo; daí, as diferenças dentro de cada categoria são surpresas. Em contraste, nosso objetivo é ver não só as diferenças entre os sexos, mas inclusive o modo como estas operam para reprimir as diferenças dentro dos grupos de gênero [...] A única alternativa, me parece, é recursar-se a opor a igualdade à diferença e insistir continuamente nas diferenças [...] diferenças como o verdadeiro sentido da própria igualdade. (SCOTT, 1988, p. 45-46 apud PIERUCCI, 1999)

Com o ‘atravessamento’ da diferença como questão fundante na análise do gênero, conseguimos compreender a norma a partir da análise das nuances e particularidades das vivências. A visão dos autores concebe o gênero não como fixo e estanque, mas sim, usando termos butlerianos, como as diferenças são performadas e estão em constante disputa. Cabe também o destaque a Brah (2006) e sua visão interseccional da diferença: “a questão-chave, então, não diz respeito à ‘diferença’ em si, mas a quem define a diferença, como diferentes (categorias de mulheres, no seu objeto de análise) são representadas dentro dos discursos da ‘diferença’ e se a ‘diferença’ diferencia lateral ou hierarquicamente. Precisamos de maior clareza conceitual na análise da diferença”. (BRAH, 2006, p. 358)

Ou seja, ao analisar as masculinidades, considero o reconhecimento da diferença para compor suas pluralidades, o que vai além da compreensão da norma *versus* vivências dissidentes, mas que está composta em si por suas diferentes perspectivas.



É sob essa ótica que o artigo traz situações de convivência definidas como ‘homossocialidade’ (VALE DE ALMEIDA, 1995) ou ‘vivências interacionais masculinas’ (OLIVEIRA, 2004), nas palavras do último autor:

Para as vivências interacionais masculinas retenho o aspecto de experiência ou situação de vida realizada em interações com outros agentes e orientadas por uma significação social de sentido estruturador para as identidades, que é a masculinidade, constituída no e pelo *socius* como lugar simbólico de sentido estruturante. Elas devem ser apreendidas numa relação intersubjetiva em que o agente é impulsionado para a noção daquilo por ele interpretado como sendo o masculino culturalmente legitimado. (OLIVEIRA, 2004, p. 248)

Seja na experiência antropológica de Miguel Vale de Almeida (1995) na vila portuguesa com os homens de Pardais ou com a análise textual de Pedro Paulo de Oliveira (2004), os relatos são uma busca pela gramática nas vivências masculinas para identificar em quais situações e como as masculinidades são compostas. Segue aqui um exercício similar entre jovens universitários no recorte proposto.

3 “Ser homem”: perspectivas dos jovens universitários

Como dito, a ilustração aqui é parte do trabalho de campo durante encontros, momentos extracurriculares e festas universitárias dentro do campus Butantã da USP. Aqui cabe considerar a questão da alteridade, fator que unia e/ou distanciava pesquisador e pesquisados, para compor a leitura dos dados coletados. Por meio de eventos na universidade sobre o tema gênero e sexualidade acabei encontrando meu interlocutor principal, que me guiou por todos os meses no trabalho de campo, mostrando as vivências, ocasiões sociais e, principalmente, pessoas e momentos-chave daquele ambiente. Mesmo com uma diferença de idade de quase dez anos e algumas barreiras, como expressões inicialmente desconhecidas originadas dos “memes”, usadas em redes sociais entre os jovens, vocabulários específicos dos cursos de cada unidade e detalhes da rotina universitária que não me pertenciam mais como ex-aluno. Acabei saindo de uma figura diferente do ambiente para me tornar mais um ‘veterano’, o que foi chave para transitar pelas ocasiões universitárias e compreender mais sobre as masculinidades naquele contexto.

O primeiro registro que destaco aconteceu em uma roda de conversa também na Escola de Comunicações e Artes. O meu interlocutor principal, devido à disciplina ‘Gênero, Mídia e Educação’, organizou como trabalho final um encontro entre homens para discutir masculinidades. Participando dessa roda, trago aqui algumas perspectivas do que esses jovens entendem por “ser homem”, bem como se dá a vivência na interação com as mulheres (Figura 1).



Figura 1 – Ilustração do evento criado pelo aluno



Fonte: Facebook².

Como se tratava de uma roda de conversa fechada, escolhi aqui não revelar a identidade dos participantes. Muito curiosos e inquietos, os cinco jovens presentes estavam ainda desconfortáveis em estar ali. Todos tinham por volta de 18 e 19 anos, apenas um rapaz era mais velho, por volta dos 30, pois estava em sua segunda graduação. O meu interlocutor e ‘mentor’ da reunião explica que eles passarão por três tópicos durante a conversa: “quem é o homem que sou hoje?”, “por onde passei para ser o homem que eu sou?” e “qual o homem que eu quero ser”. Aqui destaco três pontos da conversa:

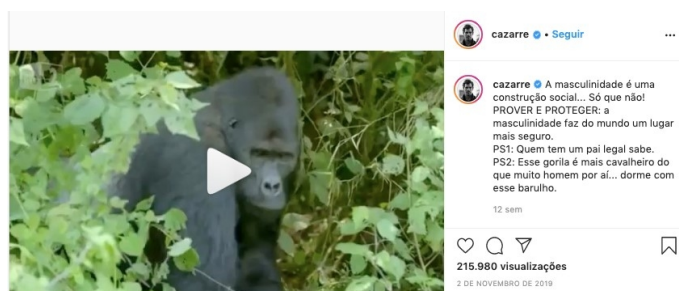
3.1 Elementos para “ser homem”

Em momento algum se discutiu sobre o elemento ‘ser’ da sentença, eles assumiam que “ser homem” estava posto ou condicionado e, com isso, suas vivências se tornavam uma trajetória em busca de elementos para reforçar o que acreditavam “ser homem”. Os rapazes exemplificam alguns marcadores presentes desde a infância como karatê, futebol, guitarra. Um rapaz também expõe a relação familiar, contando um episódio que envolvia violência doméstica. Segundo ele, o padrasto abusava do álcool e agredia a mãe. Ele diz que, por conta disso, foi praticar muay thai para “proteger a mãe”, e, conseqüentemente, se afastou de coisas que considerava sensíveis como o teatro, área pela qual sempre se interessou. Ou seja, para esses jovens as vivências de ser homem passaram por negações de experiências e diferenças (Figura 2).

² Através da rede social Facebook, o aluno convocou interessados para um encontro no dia 12/11/2019 para um evento com nome de ‘Masculinidades possíveis’. Disponível em: <https://bit.ly/3boNUvV>. Acesso em: 9 fev. 2020.



Figura 2 – Post do ator Juliano Cazarré



Fonte: Instagram.³

Os jovens usaram como exemplo o caso do ator Juliano Cazarré, que com um post nas redes sociais defendeu que a masculinidade não era uma construção social, dizendo que os homens devem sim ter o dever de prover e proteger. O ator compara os homens a gorilas, usando um vídeo de um gorila macho que protege a família.

Um dos jovens complementa o caso “seja mais gorila”, dizendo que o ator pode estar em sofrimento e que essa maneira – “se apegar na ideia de ser gorila” – foi a que encontrou para se mostrar mais forte. Aponta que a vulnerabilidade é uma questão, porque – o ator e os homens – não enxergam valor, ou força, nas suas vulnerabilidades: “ninguém quer ser fraco, mas o que é ser fraco?”.

O jovem propõe uma metáfora, comparando homens à máquinas, sem sentimentos, principalmente estimulados pela família – “seja forte”. Outro garoto complementa dizendo que essa masculinidade nunca é alcançada, já que a cobrança sempre existirá em diversos temas – “ganhar dinheiro, pegar gente” – e reforça a imagem de máquina – “você fica robotizado mesmo”. Também usa como exemplo palestras de *coaching*, que se popularizaram no país por mostrarem esse caráter competitivo entre os homens – “tem que ser foda”, além de naturalizar essas características: “homem é assim” (Figura 3).

Figura 3 – Exemplos dos “coaches de relacionamento”



Fonte: Editora Astral Cultural.⁴

³ O vídeo acompanha a legenda que diz: “A masculinidade é uma construção social... Só que não! PROVER E PROTEGER: a masculinidade faz do mundo um lugar mais seguro. PS1: Quem tem um pai legal sabe. PS2: Esse gorila é mais cavalheiro do que muito homem por aí... dorme com esse barulho”. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B4XjOAIIDEHD>. Acesso em: 9 fev. 2020.

⁴ Eduardo Santorini, youtuber e autor do livro *Como conquistar uma mulher em 15 minutos* (Bauru: Astral Cultural, 2015).



Novamente, o recurso do gênero como pré-determinação aparece nos relatos dos jovens. As vivências de gênero estariam condicionadas a um ‘inconsciente sexuado’, que determina a dualidade entre masculino e feminino como natural, sendo o primeiro sempre positivo, como mostra Oliveira (2004) ou como Connell reforça no conceito de arena reprodutiva, em suas palavras:

O gênero é a estrutura das relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais [...]. O poder das estruturas na formação da ação individual faz com que o gênero quase sempre pareça não se transformar. No entanto, os arranjos de gênero estão sempre mudando, conforme as práticas humanas criam novas situações e as estruturas se desenvolvem tendendo a crises. (CONNEL, 2005, p. 149)

Muito dos discursos são fruto de situações já vivenciadas desde ‘meninos’, em casa e nos ambientes escolares. Novamente citando Miskolci (2012): “reduzir a sexualidade, o desejo e o prazer a imperativos de saúde pública pode ser uma forma de violência com relação aos diferentes anseios individuais [...] Padrões morais costumam ser a via de entrada de normas e convenções já na experiência educacional”. (MISKOLCI, 2012, p. 48) Essa naturalização da norma não acontece de forma pacífica, mas conflitante nos contextos e ambientes. Se “ser homem” aparece como a conduta correta e naturalizada na sociedade, suas vivências passaram por se afastarem de elementos considerados femininos, bem como ir em busca de um ideal masculinizador.

3.2 Homem e elementos femininos

O segundo ponto que destaco é sobre como esses dilemas aparecem quando os jovens convivem e ‘flertam’ com os elementos ditos femininos. Um dos garotos, mesmo declarando ser homossexual, diz que em algumas festas sente atração por garotas e vai em busca para beijá-las, mas é rejeitado por suas pretendentes por parecer ‘feminino’ demais. Na lista do que são estes elementos femininos, ele relata: suas roupas, maquiagem, rebolar demais... Outros garotos complementam sobre o ato de dançar em festas, pois sempre precisam de uma (auto) justificativa e que a principal seria o álcool – “se um homem tá dançando é porque tá bebendo, tá louco”. Outro rapaz também complementa que essa demonstração do que é dito feminino é lida como um sinalizador em relação à orientação sexual, desse modo, homens ‘femininos’ automaticamente estariam interessados em outros homens – “quando isso não acontece, dá um bug social”. Logo, para alguns homens, é permitido viverem seu lado feminino e para outros não.

Aqui podemos destacar dois aspectos: o das homossexualidades como demonstração de feminilidade, portanto, um grau menor de ‘hombridade’, já que se distancia dos elementos normativos. Miskolci (2017) destaca quando estuda homens homossexuais não-assumidos: “um



desapego que meus interlocutores exerciam buscando escapar da temida associação a homossexualidade, o que os obrigavam a lutar contra seus sentimentos e a desenvolverem uma insensibilidade [...]. Marcados pela forma como a cultura brasileira compreende e cultiva a masculinidade como sinônimo de predação sexual”. (MISKOLCI, 2017, p. 196) Assim, mesmo que exprimam vontade ou convivam com elementos femininos, no contexto dilemas e limitações são criados, até mesmo impostos pelas mulheres. O segundo aspecto é de uma masculinidade construída intrinsecamente à vivência sexual: “o campo sexual se transformou no âmbito no qual podiam expressar e exibir sua autonomia e sua autoridade. O desapego na sexualidade passou então a simbolizar e a organizar o tropo mais amplo da autonomia e do controle da masculinidade” (MISKOLCI, 2017, p. 196), de forma que o controle e a expressão das masculinidades se dão pela (hetero)sexualidade – novamente reforçando elementos masculinizadores, como o desempenho e a dominação.

3.3 Homens e mulheres em disputa

Ao falarem sobre como acontece a vivência com as mulheres, se percebe uma disputa, porque na perspectiva dos jovens elas trazem uma carga punitivista para as relações. De um lado, consideram que estão acostumadas com a luta em suas vivências – “elas são as vítimas e não caem em lugares tão problemáticos quanto os homens” – e reconhecem que estão familiarizadas com pautas do feminismo como sororidade e interseccionalidades. Mas também apontam as consequências. Um deles desconfia se as mulheres estão tão preparadas sobre as pautas, pois considera que os movimentos nascem da dor e estão dentro de uma dinâmica de reatividade – apontam frases como “quem é você homem branco?”, “vamos excluir o macho escroto”. Listam diversas formas em que as mulheres trazem as pautas de uma forma questionável, como a CAO – que será vista adiante em detalhe, e se sentem acuados, com medo de errar.

4 Tipos de homem – perspectivas das jovens universitárias

Como contraponto da perspectiva dos homens, trago uma conversa com L., presidente da Comissão Anti-Opressão (CAO), uma organização criada pelas próprias estudantes, que atua nas festas universitárias mediando conflitos. Escolho aqui não a identificar, pelo seu papel ativo no contexto universitário. A comissão é formada por membros fixos, em torno de nove pessoas; e membros de apoio, em torno de vinte jovens, divididos em funções como administrativo, conselho e mediadores. Os membros, em sua maioria, são compostos por mulheres cisgêneras e brancas – um recorte que é consequência do próprio contexto da universidade. Sobre o



detalhamento das funções, cargos e membros, vale pontuar que a CAO possui uma organização e hierarquia complexas que não cabem aqui nesse artigo.

Segundo L., a organização é uma iniciativa dos estudantes, principalmente mulheres, que existe desde 2015, momento em que houve um caso de estupro em uma das festas da ECA. Desde então, o objetivo da Comissão é evitar que outros casos aconteçam. Inicialmente formado com foco no assédio contra as mulheres, agora também trabalham com casos de racismo e LGBTfobia. Nas palavras da própria CAO: “Racistas e homofóbicos não são bem-vindos aqui. Lembrem-se: não é não! Silêncio não é sim e se a mina disse que é assédio, é assédio”. Esse aviso está presente em todos os ambientes de socialização, principalmente nas festas, como a “Quinta i Breja”, festa que acontece todas as quintas-feiras no campus na própria ECA, onde ocorreu a nossa conversa. Destaco aqui dois pontos desse encontro que corroboram para a discussão (Figura 4):

Figura 4 – Ilustrações feitas pela CAO para o BIFE – Jogos Universitários entre unidades da USP



Fonte: Facebook.⁵

4.1 Classificação dos homens

Quando pergunto sobre o convívio com os homens no ambiente universitário, L. é categórica em classificá-los em três tipos: O primeiro é “aquele homem hétero escroto [...] um cara muito hétero, que gosta de futebol, de cerveja e de carro, que fala ‘peguei muitas ontem’ [...] Não sabe falar de outra coisa”. Também diz que são raros na faculdade, mas comuns em sua cidade natal, “no interior são todos assim”.

A segunda categoria de homens seria mais aberta a outras formas de masculinidades, mas ainda preservando valores que ela diz machistas. Com outros marcadores – “ele é indie, (usa) camisa florida, maquiagem, geralmente bissexual, não é macho tóxico, mas é escroto: transa e no outro dia não fala nada”. Geralmente transita entre os grupos ‘dos meninos escrotos’, mas é visto como diferente nesse grupo. Segundo L., também são garotos que discursam muito sobre feminismo: “eu defendo as mulheres, sou liberal, eu defendo o poliamor, eu sou feminista...”

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/CAOdoBIFE/>. Acesso em: 9 fev. 2020.



Quando o cara se defende, você já sabe que ele é escroto”. Entre todos os marcadores, ser bissexual é a maior vantagem no campo afetivo – “se ele é bi, ele não é tão escroto assim, mas eles são. Porque é cultural do homem, essa coisa de ser criado com ‘quando meu filho crescer, vai ser pegador’. Todos têm a pretensão de serem agressores, a sociedade faz com que eles sejam”. Essa categoria seria a maioria dos homens héteros/ bissexuais no contexto.

A última categoria seria a de homens gays. L. não faz muita distinção entre eles, apenas destaca que algumas de suas posturas estão sendo reavaliadas, coisas como – “eu não assedio, eu sou gay” ou “tenho nojo de buceta” – e o aumento de muitos casos de denúncias entre homens gays: homens que foram “encoxados” mulheres reclamando de homens gays tocarem nelas sem permissão. “[homens gays dizem] Se eu sou gay, eu posso tocar! Não é bem assim”. L. também conta que a homofobia declarada é mais rara na ECA, apenas relata um caso de um segurança que ofendeu um aluno dizendo “você é um viadinho”.

Destaco o caráter duplo da classificação dos homens. Quando, por um lado, não permite a leitura das singularidades e caminha em direção ao estereótipo:

“O estereótipo é a expressão cristalizada de desigualdades sociais herdadas por sociedades criadas em processos de subalternização de certos grupos sociais os quais especialmente no passado tendiam a ser ignorados e no presente costumam ser hipervisibilizados como inferiores anormais ou desviantes”. (MISKOLCI, 2017, p. 269)

Além de ser uma ‘revanche’ aos estereótipos femininos, é também um mecanismo de defesa aos possíveis agressores. Ao identificar os “machos escroto”, há também implícito um sistema de julgamento de conduta daquilo que não seria adequado para as mulheres e apresenta potencial perigo para elas.

4.2 CAO: homens e punição

Além da classificação como ferramenta, as mulheres por meio da CAO possuem um sistema complexo e refinado de defesa efetiva. L. me explica que os membros se organizam para estarem de plantão nas festas. Pergunto sobre os procedimentos caso aconteça algum problema e ela me descreve minuciosamente o passo a passo de como atuam. Elas dividem os casos em perigo não imediato e perigo imediato. Os primeiros são casos de agressão verbal – “chamou a menina de vagabunda, puta” – e, com a denúncia a um integrante da CAO, os membros separam vítima e agressor. A vítima fica no “cantinho da CAO”, um espaço reservado na festa com local para descanso, geralmente com cadeiras, pufes e água. Os membros se mostram dispostos a ajudar a vítima, perguntando se ela está bem, se quer acionar algum amigo, se quer permanecer na festa. Geralmente, as vítimas se acalmam e seguem. Já os agressores recebem uma



advertência por escrito – “você está incomodando e oferecendo perigo para as pessoas” – e assina um papel para registrar o ocorrido.

Muitas vezes o caso chega via terceiros, elas descrevem o potencial agressor – “Fica de olho, ele pode estar assediando alguém por aí”. Quando identificado, o potencial agressor recebe uma advertência verbal: “Chegou no meu ouvido que isso está acontecendo. Não estou aqui para te julgar, mas apenas te alertando”. Quando o caso é de perigo imediato – “um menino deu um tapa na namorada uma vez”, ocorre a ‘profilaxia’: a vítima é orientada a ir ao hospital e a alguma delegacia da mulher próxima à festa, mas na maioria dos casos a vítima não leva a denúncia adiante. Já o agressor é retirado da festa imediatamente. Após a festa, nas reuniões, a CAO delibera sobre os casos em consenso e define uma punição a ser seguida. Geralmente uma expulsão das entidades e times que a pessoa pertence por um tempo determinado: seis meses, como no caso da agressão ou até quatro anos, como no caso mais grave que envolveu duas unidades. A pessoa fica proibida, por exemplo, de jogar pelo seu time ou de consumir álcool nas festas. Mesmo assim, se quiser frequentá-las, pode – “a gente avisa, você não é bem-vindo aqui, pois tem uma advertência, mas o espaço é público”.

Aqui fica mais claro o caráter punitivista descrito pelos homens na primeira parte, já que a CAO possui uma estrutura que age diretamente nos ambientes das festas universitárias. Como um poder paralelo, contrapõe a lógica normativa, e é o momento em que as mulheres possuem um poder que, reconhecidamente, não encontram em outros espaços. Mais do que domínio, aqui existe uma resposta concreta às atitudes dos homens consideradas não adequadas naquele contexto. Em contrapartida, respeita uma lógica de “vigiar e punir”, mais do que uma ação, é uma estratégia que impõe normas e condutas aos homens e, conseqüentemente, permite às mulheres adotarem posturas que não adotariam. L. destaca que a iniciativa da CAO é sobre as mulheres reconhecerem que os espaços das festas também são delas e que elas não deveriam se sentir desconfortáveis ali. Sabemos que a CAO garante a liberdade das jovens, mas ela é muito mais do que isso, com seus mecanismos de regulação e conduta, cria performatividades/subjetividades para os homens por meio da punição.

5 Considerações finais: aprendizados sobre homens e mulheres

A presente reflexão teve como objetivo problematizar as disputas entre homens e mulheres em um recorte muito específico do ambiente universitário. Destaco o caráter conflitante devido às disparidades entre os ‘pontos de partida’ que homens e mulheres têm em suas vivências considerando as masculinidades. Se eles vivem um início de consciência sobre a percepção de “ser homem” e todos os elementos normalizadores que isso carrega, as mulheres já



conseguem identificar, classificar e agir em torno da norma, principalmente por serem dela as principais vítimas. Entretanto, não escapa da lógica punitivista e a disputa da cena se dá por métodos e ferramentas já conhecidas, principalmente quando consideramos os mecanismos de regulação dessas forças. Vale destacar aqui que as estratégias da CAO nascem de um recorte específico de mulheres, como dito, em sua maioria cisgêneras e brancas – o que também contribui na composição dos modelos e da visão sobre a punição.

A CAO é uma resposta ativa à atuação dos homens, mas que sozinha não dá conta de todas as composições de masculinidades, bem como não garante que “o macho escroto” não retorne a agir como tal. Eles, em contraponto, também se põem como ‘vítimas’, não explicitamente delas, mas reféns desse ideal inatingível de ‘homem’. Enquanto as mulheres reagem, os homens ainda estão tentando entender como se portar nesse início de uma longa jornada. Falta a ambos a perspectiva da diferença enquanto ferramenta de questionamento, redesenho e composição de novas formas de equilíbrio de forças entre homens e mulheres.

Referências

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, p. 329-376. Campinas, 2006.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

CONNEL, R.; PEARSE, R. *Gênero: uma perspectiva global: compreendendo o gênero: da esfera social e política: no mundo contemporâneo*. São Paulo: NVersos, 2015.

MISKOLCI, R. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

OLIVEIRA, P. P. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

PIERUCCI, A. *Ciladas da diferença*. São Paulo: Editora 34, 1999.

VALE DE ALMEIDA, M. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. 2. ed. Lisboa: Fim de Século, 2000.

